



**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTONIO CARLOS PORTO LTDA**

**ANNA PAULA SILVA NOGUEIRA
ISABELLY MIRANDA ESTEVES**

**PREVALÊNCIA DOS CASOS DE CANDIDÍASE VULVOVAGINAL EM
ACADÊMICAS DE MEDICINA NO ITPAC PORTO**

**PORTO NACIONAL - TO
2019**

**ANNA PAULA SILVA NOGUEIRA
ISABELLY MIRANDA ESTEVES**

**PREVALÊNCIA DOS CASOS DE CANDIDIASE VULVOVAGINAL EM
ACADÊMICAS DE MEDICINA NO ITPAC PORTO**

**PORTO NACIONAL - TO
2019**

PREVALÊNCIA DOS CASOS DE CANDIDÍASE VULVOVAGINAL EM ACADÊMICAS DE MEDICINA NO ITPAC PORTO

PREVALENCE OF CASES OF VULVOVAGINAL CANDIDIASIS IN MEDICAL STUDENTS OF ITPAC PORTO.

RESUMO: Introdução: A candidíase vulvovaginal (CVV) é uma doença que acomete mulheres em idade fértil. Caracterizada como um processo infeccioso que atinge o trato geniturinário inferior feminino, causado por fungos do gênero *Cândida*. A genitália feminina apresenta particularidades que quando associada a alguns hábitos da mulher moderna podem prejudicar a manutenção da homeostase. O presente estudo descreve alguns fatores relacionados com a prevalência de casos de CVV em acadêmicas do curso de Medicina na ITPAC-PORTO em Porto Nacional/TO. Metodologia: A pesquisa envolveu um questionário contendo 15 perguntas relacionadas ao tema. Com relação à prevalência da CVV, observou-se que o número é crescente entre os períodos, porém não acomete a maioria dessas mulheres jovens. Foram entrevistadas 224 alunas do curso de medicina de uma faculdade particular no município de Porto Nacional/TO. Resultados: Elas apresentaram média de idade de 21 anos e 24 anos. Dentre as entrevistadas, 94,2% acham que as vestimentas podem causar problemas ginecológicos, 90,6% das estudantes usam calças justas ou roupas apertadas, 64,7% das entrevistadas acham que a calcinha comprime a área genital, 87,5% concordam que a calcinha de algodão é melhor para prevenir infecções ginecológicas e 98,2% acreditam que a rotina acadêmica é estressante. Discussão e Consideração Final: A investigação possibilitou conhecer as características da CVV, na população estudada, além de avaliar, indiretamente a atenção que é dada para a prevenção dessa doença em âmbito de saúde pública.

Palavras-chave: Estudantes de medicina. Candidíase vulvovaginal. Genitália feminina.

ABSTRACT: Introduction: Vulvovaginal candidiasis (CVV) is a disease that affects women of childbearing age. Characterized as an infectious process that affects or treats the female lower genitourinary, caused by *Candida* fungi. Female genitalia have characteristics that when associated with some habits of modern women can impair the maintenance of homeostasis. The present study describes some factors related to the prevalence of CVV cases in medical courses at ITPAC-PORTO in Porto Nacional / TO. Methodology: One survey involved a questionnaire containing 15 questions related to the topic. Regarding the prevalence of CVV, the number of people who grow between periods decreases but does not reach most of these young people. A total of 224 medical students from a private college in Porto Nacional / TO were interviewed. Results: They have a mean age of 21 and 24 years. Among the respondents, 94,2% think that clothes can cause gynecological problems, 90,6% of students wear tight or open clothes, 64.7% of respondents think that the panties comprise a genital area, 87,5% agree that A Cotton panties are better for preventing gynecological infections and 98.2% than the academic routine is stressful. Discussion and Final Consideration: An investigation made possible to know how resources of CVV, in the studied population, besides indirectly evaluating the attention that is given to the prevention of this disease in the public health scope.

Keywords: Medical students. Vulvovaginal candidiasis. Female genitalia.

1 INTRODUÇÃO

A candidíase vulvovaginal (CVV) é uma doença causada por diversas leveduras do gênero *Cândida* que fazem parte da microbiota normal das mulheres. Em particular a *Candida albicans*, patógeno oportunista que encontra-se adaptado ao corpo humano, pode colonizar sem alterações na normalidade fisiológica e, quando a microbiota está em desequilíbrio esta levedura pode causar uma inflamação que varia de lesões superficiais ou até disseminadas.

Clinicamente, a CVV se caracteriza por alguns sintomas mais comuns, como leucorréia esbranquiçada, prurido vulvar intenso, dispareunia, edema e eritema vulvar. Essa vulvovaginite pode não apresentar uma séria ameaça a vida, entretanto torna-se um relevante problema na saúde da mulher. Segundo Alvares *et al.*, a CVV é um dos diagnósticos mais frequentes na prática diária em ginecologia e sua incidência tem aumentado drasticamente.

São diversos fatores que favorecem a proliferação deste fungo. Dentre eles, a mudança de hábitos da mulher moderna é o que mais implica nessa ocorrência. As saias foram substituídas pelas calças jeans, as calcinhas 100% algodão foram substituídas pelos tecidos sintéticos pelo baixo custo e os hábitos de higiene estão mais escassos (OLIVEIRA; ABRAHÃO, 2017)

O presente projeto teve como objetivo realizar um estudo epidemiológico entre mulheres estudantes de Medicina do Instituto Tocantinense Antônio Carlos Porto - ITPAC de Porto Nacional – TO, com propósito de identificar qual a relação das graduandas com a candidíase vulvovaginal durante a vida acadêmica e, quais são os possíveis fatores desencadeantes. Pois, foi observado durante o dia a dia das acadêmicas de Medicina o uso mais rotineiro de calças jeans devido a carga horária extensa e aulas em ambulatórios e laboratórios que exigem tais vestimentas. Vale ressaltar outras causas como higiene precária, e o estresse como fator depressor da imunidade.

Além disso, Porto Nacional - TO é um município que possui na maior parte do ano temperaturas acima de 30°C (média de 26,9°C) e com baixa umidade relativa do ar. Esse clima tropical aliado a um ensino em tempo integral, no qual estudantes de Medicina passam a maior parte do dia na instituição, fazendo uso constante de calças jeans e sem hábitos de higiene íntima adequados, chamaram atenção para esta problemática.

Foi possível identificar, por meio de relatos diários, que existe uma grande quantidade de graduandas que sofrem impactos na sua vida cotidiana e acadêmica, como irritabilidade, perda do sono e estresse contínuo pela não resolução do problema.

Dessa forma, acreditou-se que o estudo dessa temática é pertinente e deve ser dada uma atenção essencial para os cuidados ginecológicos. O presente projeto despertou o interesse das pesquisadoras enquanto acadêmicas da área da saúde e futuras médicas a oferecer conhecimento e suporte para a rotina e atividades diárias das estudantes. Foi realizada uma pesquisa de campo para identificar fatores que podem desencadear a CVV e, com este levantamento de dados, o projeto contribuirá para melhoria da qualidade de vida daquelas que passam por episódios da doença, além de suscitar uma reflexão sobre temática prevenindo que a doença acometa mais acadêmicas ou que se torne recorrente.

2 METODOLOGIA

2.1 DESENHOS DO ESTUDO

O Estudo transversal da área de ciências da saúde, com abordagem quantitativa, de caráter descritivo, a respeito de informações coletadas em questionários respondidos por alunas matriculadas no curso de Medicina da Faculdade ITPAC-PORTO, Porto Nacional/TO.

Levou-se em consideração, nas informações coletadas, dados como: período em curso, idade, estado civil e o questionário de Giraldo *et. al* (adaptado - 2013), com perguntas objetivas pertinentes à Candidíase, sua instalação, fatores agravantes e hábitos de vida relacionados. Totalizou 224 meninas, do primeiro ao oitavo período do curso de Medicina que responderam o questionário.

Após a coleta dos dados, foram reunidos todos os questionários, separados em duas etapas, do primeiro ao quarto período e do quinto ao oitavo período. Submetido assim, a uma análise estatística descritiva e analítica, através da coleta de dados pelas planilhas do Microsoft Excel e os dados transferidos para o programa Epi Info 7.2 e Microsoft Word para a construção de gráficos e tabelas contendo números absolutos e percentuais, seguidos de análise e discussão dos resultados.

3 RESULTADOS

Foram entrevistadas 224 alunas do curso de Medicina da Faculdade Presidente Antônio Carlos Porto – ITPAC Porto, sendo 53 (23,7%) do primeiro período; 30 (13,4%) do segundo período; 16 (7,1%) do terceiro período; 10 (4,5%) do quarto período; 28 (12,5%) do quinto período; 47 (20,9%) do sexto período; 23 (10,3%) do sétimo período e 17 (7,6%) do oitavo período. Elas apresentaram média de idade entre

VARIÁVEIS	1º ao 4º PERÍODO	5º ao 8º PERÍODO
Idade (média)	21 anos	24 anos
Estado Civil		
(%)	91 solteiras (83,5%)	101 solteiras (87,8%)
	3 namorando (2,8%)	5 namorando (4,4%)
	2 noivas (1,8%)	9 casadas (7,8%)
	5 casadas (4,6%)	
	8 não responderam (7,3%)	

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Os assuntos abordados na pesquisa, com relação ao conhecimento da doença, se já teve diagnóstico, fez automedicação, às vestimentas, estresse cotidiano, hábitos de vida sexuais das acadêmicas, estão demonstrados em períodos separados em duas etapas, do primeiro ao quarto período e quinto ao oitavo período, na tabela 2.

Tabela 2. Percentual de ambas alternativas de cada pergunta. Em "x" respostas nulas

PERGUNTAS	1º ao 4º	5º ao 8º	GERAL
	99 Sim (90,8%)	114 Sim (99,1%)	213 Sim (95,1%)

1. Você sabe o que é candidíase vulvovaginal?	Não 10 (9,2%)	1 Não (0,9%)	11 Não (4,9%)
2. Você já teve candidíase vulvovaginal diagnosticada alguma vez?	34 Sim (31,2%)	66 Sim (57,4%)	100 Sim (44,6%)
	75 Não (68,8%)	49 Não (42,6%)	124 Não (55,4%)
3. Já teve ou acha que teve mais de 3 episódios de candidíase vulvovaginal durante o período letivo?	11 Sim (10%)	22 Sim (19,1%)	33 Sim (14,7%)
	98 Não (90%)	93 Não (80,9%)	191 Não (85,3%)
4. Já sentiu coceira vulvar intensa associada a corrimento vaginal esbranquiçado, inchaço vaginal e incomodo nas relações sexuais associado?	38 Sim (34,9%)	56 Sim (48,7%)	94 Sim (42%)
	71 Não (65,1%)	57 Não (49,6%)	128 Não (57%)
		2 x (1,7%)	2 x (1%)
5. Já se automedicou por suspeitar de candidíase vulvovaginal?	26 Sim (23,9%)	49 Sim (42,6%)	75 Sim (33,5%)
	77 Não (70,6%)	64 Não (55,7%)	141 Não (62,9%)
	6 x (5,5%)	2 x (1,7%)	8 x (3,6%)
6. Você acredita que alguns tipos vestimentas podem causar problemas ginecológicos como	103 Sim (94,5%)	108 Sim (94%)	221 Sim (94,2%)
	5 Não (4,6%)	7 Não (6%)	12 Não (5,3%)
	1 x (0,9%)		1x (0,5%)

odores, corrimentos, prurido e infecção?

7. Você acredita que calcinhas de algodão são melhores para prevenir infecção ginecológica do que as de outro tecido?

90 Sim (82,6%) 106 Sim (92,2%) 196 Sim (87,5%)

19 Não (17,4%) 9 Não (7,8%) 28 Não (12,5%)

8. Acha que calcinha comprime área genital?

66 Sim (60,6%) 79 Sim (68,7%) 145 Sim (64,7%)

40 Não (36,7%) 36 Não (31,3%) 76 Não (33,9%)

3 x (2,7%) 3 x (1,4%)

9. Costuma usar muito calça jeans ou roupas apertadas durante o dia a dia?

100 Sim (91,8%) 103 Sim (89,6%) 203 Sim (90,6%)

8 Não (7,3%) 11 Não (9,6%) 19 Não (8,5%)

1 x (0,9%) 1 x (0,8%) 2 x (0,9%)

10. Passa mais de 12 horas faculdade com vestimentas citadas anteriormente?

69 Sim (63,3%) 79 Sim (68,7%) 148 Sim (66,1%)

40 Não (36,7%) 36 Não (31,3%) 76 Não (33,9%)

11. Faz uso de anticoncepcional?

63 Sim (57,8%) 66 Sim (57,4%) 129 Sim (57,6%)

46 Não (42,2%) 49 Não (42,6%) 95 Não (42,4%)

12. Considera a rotina acadêmica estressante?

106 Sim (97,2%) 114 Sim (99,1%) 220 Sim (98,2%)

3 Não (2,8%) 1 Não (0,9%) 4 não (1,8%)

13. Possui vida sexual ativa?

77 Sim (70,6%) 96 Sim (83,5%) 173 Sim (77,2%)

	31 Não (28,4%)	19 Não (16,5%)	50 Não (22,3%)
	1 x (1%)		1 x (0,5%)
14. Acha que seria difícil conversar com seu parceiro(a) sobre o tema?	20 Sim (18,3%)	23 Sim (20%)	43 Sim (19,2%)
	89 Não (81,7%)	92 Não (80%)	181 Não (80,8%)
15. Faz uso de sabonete íntimo diariamente?	61 Sim (56%)	35 Sim (30,4%)	96 sim (42,9%)
	48 Não (44%)	80 Não (69,6%)	128 Não (57,1%)

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Ao separar essas mulheres em duas faixas, sendo a primeira correspondente às acadêmicas do 1º ao 4º período e a segunda do 5º ao 8º, nota-se que o conhecimento a respeito da patologia aumentou e, também, o relato de mais diagnósticos. Das 109 participantes do 1º ao 4º, 90,9% conhecem a candidíase vulvovaginal (Gráfico 1), e do 5º ao 8º 99,1% (Gráfico 2). Enquanto isso, já foram diagnosticadas pelo menos uma vez 31,2% e 57,4%, respectivamente.

Gráfico 1. 1-4 períodos em nº absoluto. Significativo a 95% ($p \leq 0,05$)

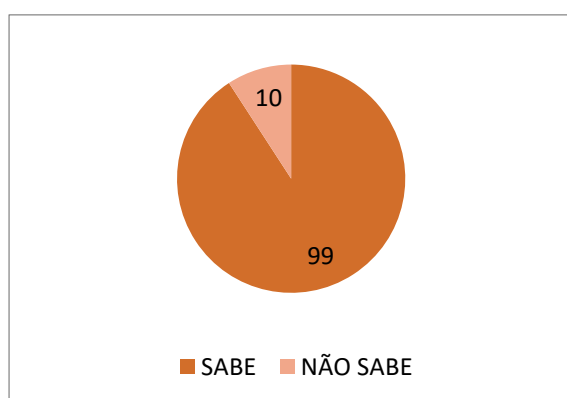
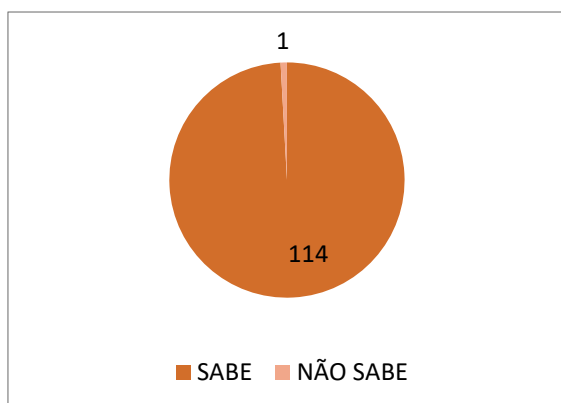


Gráfico 2. 5-8 períodos em nº absoluto. Significativo a 95% ($p \leq 0,05$)



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.

Em contrapartida, observa-se um percentual pequeno dentre aquelas que tiveram reinfecções e/ou recidivas, pelo menos 3 vezes durante a faculdade, sendo eles 10,1% (1º ao 4º) e 19,1% (5º ao 8º), mantendo ainda o perfil progressivo conforme maior envolvimento acadêmico.

O conhecimento sobre a sintomatologia vulvar (prurido local, leucorréi, inchaço e dispareunia) acompanha a tendência de meninas que tiveram episódio diagnosticado da doença, sendo a minoria de 36,7% do primeiro ao quarto período e 48,7% do quinto ao oitavo período. Além disso, a automedicação é baixa entre as acadêmicas de Medicina, sendo 23,9% e 42,6%, respectivamente. Entretanto, é possível afirmar que quanto maior o período é maior a automedicação.

Sendo esta uma pesquisa realizada em ambiente universitário, é de suma relevância reconhecer a atuação dos fatores estressores associada à infecção por *Candida spp.* As participantes afirmaram, quase a totalidade, que a rotina acadêmica é estressante, sendo 97,2% dos primeiros quatro períodos e 99,1% dos quatro últimos, mantendo assim uma coerência independente do tempo de graduação, idade ou estado civil (Gráfico 3).

Gráfico 3: Porcentagem do 1-8 período



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.

4 DISCUSSÃO

Este estudo visa conhecer a prevalência dos casos de Candidíase Vulvovaginal (CVV), bem como o entendimento das acadêmicas sobre o tema, relacionando com hábitos diários de mulheres jovens com alto nível educacional.

É possível verificar que a maior parte da amostra é composta por mulheres jovens em idade fértil, sendo maioria solteira e que possuem vida sexual ativa. O estudo de Rodrigues *et al.*, (2013) atesta o presente projeto no qual a CVV é relatada em mulheres em idade reprodutiva com vida sexual ativa.

Os dados confirmam que como maior envolvimento acadêmico, ou seja, quanto maior o período há mais casos de CVV. Bem como, é crescente o conhecimento sobre o que é a doença. Acredita-se que tal fato está relacionado com a capacidade de compreender doenças que são abordados ao decorrer do curso. Apesar desta bagagem de conhecimento adquirida ao longo dos períodos, não é significativo o número de acadêmicas que se automedicam, mesmo com a facilidade de acesso aos fármacos que tratam os sintomas e erradicam o patógeno.

A sintomatologia da infecção é caracterizada por ardor, Dispareunia, prurido vulvar intenso, edema e hiperemia de vulva e vagina, podendo estar acompanhada de disúria. O corrimento é bem característico, branco espesso, inodoro, sendo semelhante a nata de leite. Os sintomas se intensificam no período menstrual quando a acidez vaginal esta aumentada (ÁLVARES; SVIDZINSKI; CONSOLARO, 2007).

No estudo de Sousa *et al.* (2018), foi possível identificar um alto índice de automedicação em pacientes com candidíase vulvovaginal, acarretando um aumento na resistência da microbiota como consequência do tratamento inadequado ou incompleto. Relacionaram esse cenário à facilidade em comprar antifúngicos, sendo assim, um fator alarmante para o agravamento e recorrência da doença.

A maior incidência dos casos estão relacionados com a rotina estressante em quase unanimidade dentre todas as acadêmicas. Este fator deve estar relacionado, além do grande fluxo de conteúdo, à carga horária extensa das quais elas estão submetidas e, muitas vezes com vestimentas que favorecem também a manifestação da doença, tais como calças, calcinhas comprimindo a região vulvar e de material que não seja o algodão. Como atestado pelo estudo de Holanda *et al.*, (2007), há alguns

fatores que podem propiciar surgimento da CVV como o estresse, variações hormonais, variações de temperatura, de pH e utilização de roupas mais justas.

A partir dos resultados obtidos é notório que a maioria das participantes sabe que calcinhas de algodão são melhores para prevenir infecção vulvar. Os dados corroboram com estudo de Oliveira e Abrahão (2017), no qual a maioria de suas entrevistadas concorda que este material é melhor para cuidados com a região íntima.

O tipo de vestimenta promove alteração da flora microbiana da região genital devido à umidade e à variação da temperatura, modificando seu ecossistema e causando irritação, alergia ou corrimento indesejável. Essas alterações podem interferir na sexualidade feminina (SCHLOSSER, 2010).

Outro fator contribuinte relacionado à vestimenta trata-se da compressão da região vulvar por calcinhas e calças jeans. Nos resultados verificou-se que grande parte das entrevistadas acredita nessa premissa. Entretanto, um fato contraditório é que apesar de acreditarem que tais vestimentas comprimem e trazem prejuízo para a região genital, quando questionadas sobre o uso rotineiro por mais de 12 horas durante o período letivo, em quase sua totalidade, responderam positivamente para estes hábitos. Assim como analisado no estudo de Oliveira e Abrahão (2017), esse padrão se mantém.

Curiosamente, Giraldo *et al.* (2007), também questiona tais hábitos em seu estudo e afirma que ao usar calcinhas de algodão e ao mesmo tempo calças jeans apertadas, contrariamente ao desejável, há uma restrição da ventilação genital, comprimindo a vulva e promovendo isquemia tecidual e traumas. Portanto, o efeito favorável das calcinhas de algodão torna-se irrelevantes pelo efeito desfavorável das calças justas.

Em uma revisão de literatura, foi observado que a posição geográfica também pode ser considerada um fator relevante para o aparecimento da infecção, assim como o uso frequente de calça jeans, procedimentos invasivos e imunossupressão (FURTADO, 2019)

Como esperado, a maioria das acadêmicas estão sexualmente ativas, independente de estado civil e idade, além de fazerem uso de anticoncepcional. No contexto contemporâneo nota-se uma supremacia de métodos hormonais sob os de barreira, que são importantes tanto na prevenção de gravidez indesejável quanto nas IST's.

A partir dos primeiros movimentos feministas da década de 60, no qual defendia-se a autonomia sexual feminina, houve o surgimento da pílula anticoncepcional. Essa mudança no cenário de gênero, fez com que o uso da camisinha masculina fosse cada vez menos usual (PAIVA, 2014).

A transmissão pela via sexual é pensada, porém a CVV não é considerada uma infecção sexualmente transmissível (ÁLVARES; SVIDZINSKI; CONSOLARO, 2007). Ademais, é sabido que apesar de não se tratar de uma IST, o ato sexual sem preservativo altera substancialmente o pH vaginal e, consequentemente, o equilíbrio de bactérias próprias do local. Segundo Giraldo *et al.*, a deposição de sêmen, que encontra-se em meio alcalino, no epitélio vaginal, seja pelo estímulo local da mucosa ou por introdução de bactérias estranhas, teoricamente é um fator importante que leva à alteração da microbiota vaginal e, consequentemente, maiores chances de infecção.

Mesmo com conhecimento prévio sobre o tema, nota-se que ainda há uma quantia considerável de mulheres jovens que acreditam ser difícil conversar a respeito da doença com o parceiro (a). Pode-se atribuir esse receio aos tabus ainda existentes na sociedade a respeito da sexualidade feminina.

Os resultados mostraram muitas lacunas existentes no senso comum sobre questões relativas à saúde da mulher. Fatores interferem na abordagem específica deste tema, considerando como o principal tabu, é o que ainda reveste a sexualidade. Não saber que a candidíase é uma doença relacionada à baixa imunidade e somente relacioná-la às doenças transmitidas pelo sexo, impacta na saúde da mulher e do homem, na saúde reprodutiva, nas questões afeitas à sexualidade e na saúde do casal e familiar. O que faz com que as mulheres não conversem sobre este tema é a vergonha de abordá-lo (TRINDADE; FERREIRA, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou concluir que mulheres jovens estudantes de Medicina vivem sob constante pressão em meio acadêmico e que, apesar de estarem cientes de alguns costumes inadequados com a região genital como o uso de calças jeans e roupas apertadas, assumem rotineiramente essas condutas durante todo o período letivo.

O conhecimento das acadêmicas sobre o tema é crescente à medida que passam-se os períodos. Apesar da porcentagem de universitárias que tiveram

candidíase vulvovaginal ser inferior as que não tiveram, ainda assim são números significativos, os quais nos trazem questionamento quanto à abordagem dessa doença em meio acadêmico e o que pode ser feito para prevenir e melhorar a qualidade de vida dessas mulheres.

O questionário foi empregado de forma sucinta com questões básicas e habituais em perguntas objetivas e que não exige conhecimento teórico abrangente a respeito da candidíase. Juntamente à aplicação dele, foi realizada sensibilização sobre o tema, para que sanasse alguma dúvida ou estranhamento.

Este estudo é atual e inédito, relatando os cuidados e hábitos íntimos praticados por estudantes de uma faculdade particular de Porto Nacional/TO. Mesmo com a impossibilidade de generalizar os dados para universitárias brasileiras e população em geral, reconhecemos que as mulheres da atualidade são modernas, com bom nível sociocultural e que passam longas e estressantes jornadas fora de suas casas.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Cassiana Aparecida; SVIDZINSKI, Terezinha Inez Estivalet; CONSOLARO, Márcia Edilaine Lopes. Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das leveduras. **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial**, v. 43, n. 5, p. 319-327, 2007.

DA SILVA, Patrick Leonardo Nogueira et al. Perfil do conhecimento de mulheres quanto aos fatores predisponentes ao desenvolvimento da candidíase vulvovaginal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde/Electronic Journal Collection Health ISSN**, v. 2178, p. 2091.

DE SOUSA, Naiane Maria et al. CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO EM PACIENTES COM CANDIDÍASE VAGINAL. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, 2019.

FURTADO, Haryne Lizandrey Azevedo et al. FATORES PREDISPOONENTES NA PREVALÊNCIA DA CANDIDÍASE VULVOVAGINAL. **Revista de Investigação Biomédica**, v. 10, n. 2, p. 190-197, 2019.

GIRALDO, Paulo César et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, 2013.

GIRALDO, Paulo César et al. Influence of frequency of vaginal intercourse and the use of douching on vaginal microbiota. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 27, n. 5, p. 257-262, 2005.

JÚNIOR, Anísio Gazeta; GRIGOLETO, Andréia Regina Lopes; FREGONEZI, Paula Andrea Gabrielli. Candidíase vaginal: uma questão de educação em saúde. **Brazilian Journal of Health**, v. 2, n. 2/3, p. 89-96, 2011.

OLIVEIRA, Daiana; ABRAHÃO, Dayana Pousa Siqueira. ESTUDOS DOS HÁBITOS E COSTUMES DE ACADEMICAS DA ÁREA DE SAÚDE QUANTO AO USO DE ROUPAS ÍNTIMAS, ADORNOS GENITAIS E DEPILAÇÃO. **JORNAL DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E SAÚDE**, v. 2, n. 3, p. 5, 2017.

PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga de et al. **Saúde sexual e reprodutiva da mulher: análise da disponibilidade, percepções e habilidade no uso do preservativo feminino**. 2014. Tese de Doutorado.

ROCHA, MANOEL REGINALDO et al. Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. **Rev Bras Ginecol Obstet**, v. 29, n. 1, p. 3-9, 2007.

RODRIGUES, Márcio Tavares et al. Association between vaginal secretion culture, socio-demographic characteristics and clinical manifestations of patients with vulvovaginal candidiasis. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, n. 12, p. 554-561, 2013.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia Assunção. Grupo feminino de cuidado: estratégia de pesquisa-cuidado à mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 3, p. 374-380, 2009.